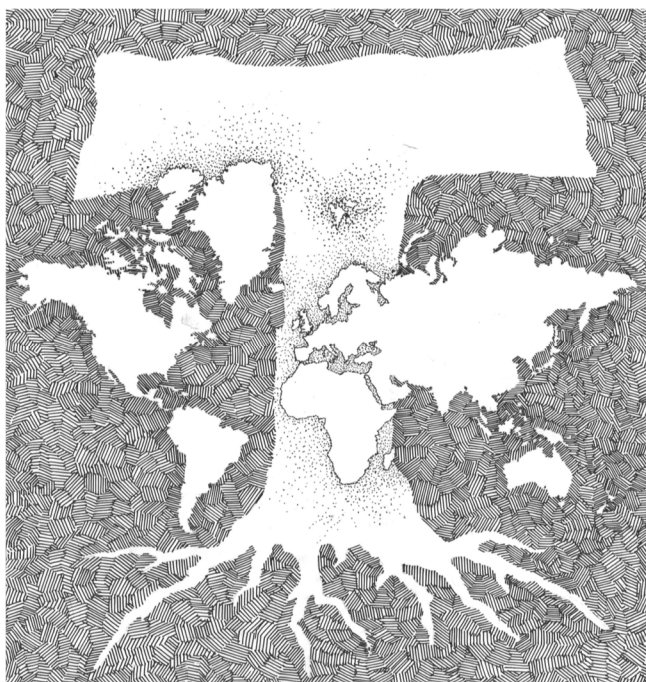




communio and communication
communio et communicatio
kommunion und kommunikation
comuni3n y comunicaci3n
comuni3ne e comunicazi3ne
comunh3o e comunic3o

QUADERNI DELL'UFFICIO "PRO MONIALIBUS"

Roma, Curia generale OFM



NÚMERO 60/Dezembro 2022

cTc Comunhão e Comunicação

Revista do Ofício Pro Monialibus
Boletim de comunicação entre os mosteiros franciscanos
em comunhão com a OFM através do Ofício Pro Monialibus

Sede do Ofício Pro Monialibus:

OFM Cúria Geral, Via Santa Maria Mediatrice, 25 - 00165 ROMA
tel: (39) (06) 684919
fax: (39) (06) 68491294
e-mail: moniales@ofm.org

Sede da Redação:

Monastero Santa Chiara
Via San Niccolò, 5 - 52044 CORTONA (AR) - Itália
tel: (39) (0575) 630360 / 630388
e-mail: cortona@sorelleclarisse.org

EDITORIAL

Fr. Fábio Cesar Gomes, ofm
Ufficio Pro Monialibus, Roma
Mosteiro de Santa Chiara, Cortona

Colaboraram:

Albânia: Mosteiro de Shkodra

Brasil: Mosteiro de Nova Iguaçu
Mosteiro de Dourados

Chile: Mosteiro de Los Ángeles

França: Mosteiro de Cormontreuil

Gabão: Mosteiro de Libreville

Haiti: Mosteiro de Puerto Principe

Inglaterra: Mosteiro de Hollington
Mosteiro de Arundel

Irlanda: Mosteiro de Galway

Itália: Mosteiro de Assis (S. Colette)
Mosteiro dos Carpi
Mosteiro de Cortona
Mosteiro de Fanano
Mosteiro de Lecce

Mosteiro de Manduria
Mosteiro de Sant'Agata F.
Mosteiro de San Severino M.

Países Baixos: Mon. S. Damiano

República Centro-Africana:
Mon. Bouar

Espanha: Mosteiro Allariz
Mosteiro de Málaga

Sri Lanka: Mosteiro de Tewatte

Outros

Fr. Russel Murray ofm (Estados Unidos)
Mary Stronach ofs (Estados Unidos)
Fr. Hugh McKenna ofm (Roma)

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	5
OFÍCIO PRO-MONIALIBUS	7
CARTA ÀS CLARISSAS	7
<i>Frei Fábio César Gomes, ofm - Roma, Itália</i>	
MINISTRO GERAL	11
Saudação por ocasião do encontro on-line com as Clarissas e Concepcionistas da América Latina (19/08/2022)	11
<i>Frei Massimo Fusarelli, ofm - Roma, Itália</i>	
TESTEMUNHOS DOS LUGARES DE CONFLITO	13
Das Irmãs de Bouar, República da África central	13
Das Irmãs de Port-au Prince, República do Haiti	19
Das Irmãs de Nova Iguaçu, Brasil	22
Das Irmãs de Tewatte - Ragama, Sri Lanka	27
EXPERIÊNCIAS	31
Cuidado e solicitude especial... O encontro do Delegado geral com as Presidentes da Itália	31
<i>Ir. Chiara Amata Casalini, osc - Coordinatrice Coordinadora das Presidentes da Itália</i>	
As irmãs de Clara e suas regras	34
<i>As Irmãs de Galway, Irlanda</i>	
As Irmãs e os Irmãos da Holanda	41
1. Colaboração entre os frades e as irmãs na Holanda	41
<i>Frei Fer van der Reijken, ofm</i>	
2. São Damião, o ‘Convento na cidade’	42
<i>Michel Versteegh, ofs</i>	
3. Como Clarissas, as Irmãs vivem, tanto quanto possível, a sua vida contemplativa inseridas na experiência do ‘Convento na cidade’	49
<i>Ir. Beatrijs Corveleyn, osc e Sr Elisabeth Luurtsema, osc</i>	



Das Irmãs de Los Angeles, Chile	52
RECEBEMOS	61
Fratelli tutti... Sorelle tutte! (Irmãos todos... Irmãs todas!)	61
<i>Ir. Marie de Jésus, osc - Libreville, Gabão</i>	
COMUNICAÇÃO DO OFÍCIO PRO MONIALIBUS	69
Os próximos números	
Um centenário no centenário: <i>Audite Poverelle</i> (Ouvi Pobrezinhas)	69

◆ **À vossa amável atenção:**

Pode enviar a sua contribuição para "FONDO CLARISSE" (Pro Monialibus) por transferência bancária:

Banco : Banca Popolare di Sondrio - Sede di Roma
Viale Cesare Pavese, 336 - Roma

IBAN : IT53E0569603211000004794X45

Em nome de: Casa Generalizia Ordine Frati Minori

BIC-SWIFT : POSOIT22

Endereço do beneficiário: Via Santa Maria Mediatrice, 25
00165 Roma - Italia

Motivo da transferência: Fondo Clarisse – Voce FFI



Apresentação

O 60º caderno “Comunhão e Comunicação” vos convida a escutar as vozes que recolheu e que levanta para que encontrem uma acolhida orante no coração do leitor.

Vozes de solidariedade na dor e na esperança, as das irmãs que vivem em terras fortemente marcadas pela violência em muitas de suas manifestações. As histórias que vêm da República Centro-Africana, do Haiti, do Brasil, do Sri Lanka, mostram-nos que forma tem hoje a promessa do Senhor recebida por Clara para si, para as irmãs, para a cidade: “Eu sempre te guardarei”. Juntamente com eles e com todos aqueles que vivem em meio a conflitos e confrontos, acolhemos as palavras do Apóstolo que fr. Fábio nos lembra em sua carta, meditando quão verdadeiramente “Cristo é a nossa paz”.

Também vozes que contam caminhos de unidade: o caminho da Coordenação das Federações na Itália; o curso online organizado pelas irmãs irlandesas e que participaram mosteiros de quatro continentes; os desafios, as alegrias, as descobertas vividas pelos irmãos e irmãs holandeses que compartilham o cotidiano da Família franciscana; a vida das irmãs que, 'ocultas atrás da Cordilheira dos Andes', são sinal e fermento do Evangelho no Chile... Como instrumentos de uma mesma orquestra, cada uma tocando sua própria partitura, permite escutar uma única sinfonia de comunhão.



Por fim, a voz de proposta e estímulo que vem do Gabão nos impele a acolher, personalizando-a, a encíclica Fratelli Tutti. Ouvimos, nesta edição, uma primeira parte.

Para encerrar, uma voz que... vem do futuro! Encontrareis os vestígios do caminho que juntamente com fr. Fábio pensamos para os próximos números de 'Comunhão e Comunicação'... Um caminho para o qual já estamos pedindo a cada comunidade a disponibilidade de compartilhar experiências e reflexões: um dom para todos!

A partir deste número, o cTc falará também em português, graças às nossas irmãs de Dourados, no Brasil, que o traduzirão. Estamos muito felizes. Obrigado de coração, irmãs: realizais um desejo que tínhamos há tempo.

Nos dias em que este número do cTc for enviado, a Comissão para a revisão das Constituições Gerais já estará trabalhando 'presencialmente', no Mosteiro S. Chiara em Roma. Sentimos que estamos juntos com as irmãs e irmãos que, coordenados pelo fr. Fábio, procuram ouvir e ver o que o Espírito está fazendo na vida de nossas comunidades. Somos gratas a eles e pedimos ao Pai que envie o Espírito Santo, para sugerir-lhes palavras que movam a todos a seguir com autenticidade os passos evangélicos de Clara de Assis hoje.

Boa leitura!

As Irmãs da redação

CARTA ÀS IRMÃS CLARISSAS

Queridas Irmãs e Queridos Irmãos,
"Cristo é nossa paz" (Efésios 2,14).

Chegamos ao sexagésimo número da nossa linda revista. São, portanto, trinta anos de tanta cTc, ou seja, de tanta Comunicação que, certamente, fez nossa Comunhão crescer e se aprofundar. Um sincero "obrigado", então, a todos aqueles que nos últimos anos colaboraram com a revista, especialmente no serviço de secretariado e traduções.

E para comemorar tudo isso, dedicamos este número ao tema sempre atual e indispensável da Paz. Nesse sentido, espero que quando esta mensagem chegar a vocês, a guerra na Ucrânia tenha chegado ao fim, porque no momento atual em que escrevo parece estar piorando. Sem mencionar as guerras incontáveis e esquecidas como as da Síria, Sudão do Sul e Iêmen. Na verdade, como o Papa Francisco disse várias vezes, estamos vivendo uma terceira guerra mundial em "pedaços" e que hoje poderíamos dizer "total" (cf. L'Osservatore Romano, 10.09.2022).

Somam-se a isso todos os contextos de violência, tensão sociopolítica e intolerância religiosa em que muitos de nossos irmãos e irmãs vivem. Além disso, para ser honesto, precisamos reconhecer que, muitas



vezes, por várias razões, experimentamos tensões e conflitos dentro de nossas comunidades, e até mesmo dentro de nós mesmos.

Diante de tudo isso, nos faz muito bem ouvir a proclamação de São Paulo aos Efésios, que inspira a nossa reflexão:

"Cristo é nossa paz"

Sim, Irmãs e Irmãos! Em Cristo encontramos nossa verdadeira paz porque, como o Apóstolo explica logo depois, ele é "aquele que de dois fez uma coisa só, quebrando o muro da separação que os dividia, isto é, inimizade, através de sua carne". Assim "ele aboliu a Lei, feita de prescrições e decretos, para criar em si mesmo, dos dois, um homem novo, fazendo as pazes, e para conciliar ambos com Deus em um corpo, por meio da Cruz, eliminando em si mesmo a inimizade" (Efésios 2, 14-16). Portanto, todas as guerras, divisões e conflitos, pessoais ou coletivos, foram assumidos e transformados, e de alguma forma já eliminados, pela morte e ressurreição de Jesus, por seu Mistério Pascal que celebramos sempre de novo sacramentalmente para expressá-lo em nossa existência diária.

Assim, além e através de todos os contextos violentos, no coração de nossas fraternidades e nas profundezas de nós mesmos, com "olhos espirituais" (cf. 1 Admoestação 20), sempre seremos capazes de encontrar Cristo Crucificado/Ressuscitado e, com ele, nossa verdadeira paz. Trata-se, portanto, de sempre



entrar em contato e comunhão com o que Paulo chama de "o novo homem", ou seja, nossa verdadeira identidade, o melhor de nós mesmos e de toda a humanidade que nos é oferecida pela Páscoa de Cristo.

"É Cristo a nossa paz"

Francisco e Clara viveram com toda a sua intensidade. Francisco, encontrando sempre de novo no Cristo Crucificado/Ressuscitado a resposta às suas perguntas e seus conflitos interiores, tornou-se o grande anunciador da paz, tanto que "em todos os seus sermões, antes de comunicar as palavras de Deus ao povo reunido, desejava a paz, dizendo "O Senhor lhe dê paz" (1 Celano 23; cf. Testamento 23; Regra Bulada 3,14). Verdadeiramente, ele tinha experimentado dentro de si mesmo que só o Senhor pode nos dar a verdadeira paz.

Também Clara, à sua maneira, sempre promoveu a paz, tanto intercedendo pela comunidade de São Damião quanto pela cidade de Assis, ameaçada por invasões, seja invocando e desejando-a para suas irmãs, próximas e distantes, presentes e futuras (cf. Bênção de Clara 4; Carta a Ermentrude de Bruges 1), especialmente no momento das eleições para os diversos cargos e em tempos de doença e tribulação, quando há maior risco de perder a paz e a paciência (cf. RSC 4:22; 10,10). Por esta razão Francisco, no famoso escrito que dirigiu às Senhoras Pobres de São Damião no final de sua vida, o Ouíi pobrezinhas, do qual pegaremos os temas das próximas edições da nossa revista, também aconselha os doentes e àqueles que os assistem a suportar todas as suas fadigas em paz (Cf. Ouíi pobrezinhas 10).



Irmãs e irmãos. Que o "Príncipe da Paz" que celebramos no Natal se torne cada vez mais "nossa paz", ou seja, a paz que acolhemos e preservamos em nossos corações e em nossas comunidades, para que possam ser cada vez mais oásis que satisfazem a grande sede de paz da humanidade.

Que o Senhor vos dê a paz!

Fraternalmente,

*Fr. Fábio Cesar Gomes, ofm
Delegado geral Pro-Monialibus*

Ministro Geral

SAUDAÇÃO por ocasião do encontro on-line com as Clarissas e Concepcionistas da América latina (19/08/2022)

Queridas Irmãs Clarissas e Concepcionistas,
O Senhor vos dê a paz!

É com grande alegria que vos saúdo no vosso encontro online. Agradeço de coração a Frei Fábio a sua iniciativa e o convite que me dirigiu. Ele trabalha muito bem como meu delegado pro Monialibus, e convido-vos a confiar n'Ele para uma colaboração frutuosa.

Em primeiro lugar, gostaria de sublinhar que é bonito que vos encontreis como irmãs de duas Ordens de contemplativas, diferentes é verdade, mas unidas pelo carisma franciscano. Em particular, tanto para as realidades carismáticas das Clarissas como das Concepcionistas, aplica-se a referência muito forte à Virgem Maria. São Francisco viu em Clara outra Maria e descreveu a vida das Irmãs Pobres como "seguindo os passos e a pobreza do Filho de Deus e da sua Santíssima Mãe". As concepcionistas encontram no "serviço a Deus e a Santa Maria na sua Imaculada Conceição" o coração do seu carisma, como pude recordar na recente carta que lhes dirigi para a festa de Santa Beatriz da Silva.

Recordei às Irmãs Clarissas a importância de cuidar da vocação de cada uma e das suas Irmãs, encontrando



os seus fundamentos na experiência carismática que Santa Clara apresenta no seu Testamento.

Queridas Irmãs! Não é por acaso que no carisma franciscano há tanta riqueza de vida contemplativa. Com efeito, São Francisco recorda aos seus irmãos e irmãs que «ter o Espírito do Senhor e do Rei e a sua santa operação» é o coração da nossa vida e que nada pode ser um obstáculo à vida de oração para aprofundar a busca do Senhor e a amizade com Ele, que chega à contemplação da sua Presença em nós, nos irmãos e irmãs, na Igreja e no mundo.

Quanto precisamos deste olhar contemplativo no momento presente da história, para reconhecer os sinais dos tempos e a presença e a ação do Espírito do Senhor neles. Como é necessário ter "olhos espirituais" para escutar o que o Espírito diz hoje à Igreja e às nossas Famílias.

Agradeço-vos, Irmãs, o vosso testemunho silencioso e profundo, e peço-vos que nos ajudeis a redescobrir e a viver esta dimensão contemplativa, que é urgente e necessária para nós hoje. O Senhor vos acompanhe e vos abençoe, rezem pelas nossas famílias e também pelo definitivo geral e por mim.

Paz e bem a todas!

Fr. Massimo Fusarelli, ofm
Ministro Geral

Testemunho dos lugares de conflito

DAS IRMÃS DE BOUAR, REPÚBLICA DA ÁFRICA CENTRAL

No final de 2015, o Papa Francisco, apesar das inúmeras dificuldades e dos "ventos contrários" de sua visita, desembarcou no solo da República Centro-Africana. A sua presença é para todos um sinal visível da proximidade do Senhor que não nos deixa sozinhos no nosso caminho. Peregrino de paz, perdão e reconciliação, ofereceu-nos a força e a ternura de Deus que nos cura e nos repõe de pé.

"Hoje Bangui se torna a capital espiritual do mundo. O Ano Santo da Misericórdia começa cedo nesta terra, uma terra que sofreu durante vários anos a guerra e o ódio, a incompreensão, a falta de paz. Bangui torna-se a capital espiritual da oração através da misericórdia do Pai. Todos vós quereis paz, misericórdia, reconciliação, perdão e amor. Por Bangui, por toda a República Centro-Africana, por todo o mundo, pelos países em guerra, pedimos a paz! E agora, com esta oração, começamos o Ano Santo" (Papa Francisco).

Estas palavras, proferidas na noite de 29 de novembro de 2015, são inesquecíveis e permanecem ancoradas no coração de todos os centro-africanos e no nosso. O país tinha acabado de sair de um conflito violento após o golpe de 2013 que derrubou o presidente François Bozizé, causando milhares de perdas de vidas e o deslocamento de um terço da população. Neste contexto, em que a situação de segurança ainda era



muito instável, o gesto e o convite do Papa Francisco foram proféticos. Há também um caminho a percorrer, além de qualquer coisa que possa impedir e dificultar o caminho.

É um desafio que, como fraternidade de irmãs pobres, queremos acolher e viver na nossa humilde vida quotidiana: permanecer estáveis no seu Amor, desempenhar o nosso ministério de louvor e intercessão, permanecer "uma porta de misericórdia sempre aberta", um sinal visível de esperança, um dom de paz e de consolação. "Mas nós carregamos este tesouro como em vasos de barro; assim, vemos claramente que este poder extraordinário pertence a Deus e não vem de nós» (2 Cor 4, 7).

Nesta terra abençoada da República Centro-Africana, que ao mesmo tempo carrega feridas profundas, o Senhor deu-nos e ainda nos dá a graça de viver a nossa vocação e a nossa missão de lhe dar alegria. Somos continuamente confrontados com os sofrimentos de uma Igreja e de um povo que durante trinta anos experimentaram instabilidade política, precariedade e pobreza, causadas por um ciclo regular de violência, motins, golpes de Estado mal sucedidos e rebeliões. Este país sofreu demasiado, por interesses políticos e económicos; conspirações externas com cumplicidade interna.

Nestes anos de repetidas crises que o país viveu, também nos vimos diante da angústia e do medo dos outros e de nós mesmos. Experimentamos o medo do amanhã e o desamparo. Mas o Senhor nunca nos abandonou; de fato, nos momentos de provação, sempre nos guardou com grande ternura, «como uma mãe guarda o seu filho».



Gostaríamos de partilhar convosco algumas pérolas deste «tesouro que carregamos nos braços dos pobres»: uma riqueza que mudou o nosso olhar, o nosso modo de avaliar a realidade e de ler a história. Esta nova grade de leitura converteu-nos e formou-nos no próprio coração da nossa fraternidade. Resta-nos uma herança e uma fonte para voltar.

A primeira pérola preciosa é a da presença e intercessão de nossa Mãe Santa Clara: "Senhor, guarda os teus servos... e defende esta cidade também..." e a resposta da promessa fiel do Senhor: «Defender-te-ei sempre...». De fato, quantas vezes ouvimos tiros muito perto de casa; Quantas vezes vimos tiros voando sobre nossa casa... no entanto, o Mosteiro sempre foi poupado... Como podemos esquecer que três vezes, contra todas as probabilidades, os rebeldes (Seleka) deixaram nossa cidade de Bouar? Isso é humanamente inexplicável.

A outra pérola é o poder da oração e da admiração pelo abandono confiante a Deus dos pobres e dos pequeninos. No meio da última rebelião, o testemunho edificante do nosso sacerdote "trespassou a noite da violência". Todos os dias, às 17 horas, rezava o Rosário com os filhos dos deslocados, em frente à gruta da Virgem, junto à nossa capela. Só podíamos unir a nossa voz e o nosso coração a eles... Como não escutar a súplica dos inocentes que clamam ao Senhor e pedem justiça?

É o tesouro do discernimento comunitário que deu à fraternidade a força para permanecer unida e caminhar na fé, mesmo que tenha sido impossível esconder o nosso medo e a nossa angústia. É sempre juntas que



decidimos ficar e não sair do país, porque ficar e conviver com ele é o sinal de que, no silêncio, fala mais...

O cuidado atento e a solicitude especial dos nossos frades capuchinhos ainda são uma pérola. Na noite do Domingo de Ramos de 2013, quando a situação se tornou muito perigosa e arriscada para nós, eles vieram nos buscar e nos receberam em sua casa para nos abrigar e proteger.

Abençoamos o acolhimento e a hospitalidade reservados às pessoas deslocadas, tanto cristãs como muçulmanas. A experiência de 2013 nos preparou. Assim, em 9 de janeiro de 2021, quando a cidade de Bouar foi novamente sitiada por um grupo armado chamado 3R, soubemos como reagir em comunidade. Quando todos começaram a fugir com sua "kungba" (saco) para a Catedral e o local da missão, imediatamente preparamos o lugar para recebê-los... Aos poucos, mães com seus bebês se acomodavam na área de nossas salas de estar, cerca de trinta pessoas. O silêncio que caracterizava a nossa vida era confrontado com os gritos, as lágrimas, as corridas das crianças sob os claustros do mosteiro, mas tudo era graça. A sua presença permitiu-nos experimentar o sofrimento do nosso povo e a sua resiliência. Nossos olhos viram o que significa não ter lugar para descansar a cabeça. Interrogamo-nos também sobre o nosso modo de viver a "condição sine proprio", de reconhecer o longo caminho que falta percorrer, de estar mais vigilantes sobre a sobriedade das nossas escolhas e mais atentos ao discernimento entre o necessário, o útil e o supérfluo.

Para o presente em que vivemos, as palavras dos nossos Bispos da República da África central dizem



mais: "Se observarmos, e devemos ser compreendidos, um progresso significativo em vista de um retorno à paz em todo o território, o fato é que algumas áreas e regiões do nosso país ainda estão sob ataque, se não sob o controle de grupos armados que enfurecem e maltratam a população. Além disso, na marcha dos povos e do mundo, a República da África central passa, como os outros países do mundo, pelas convulsões da crise ucraniana. O conflito entre a Rússia e a Ucrânia e a presença de forças russas empenhadas ao lado das Forças Armadas ruandesas e centro-africanas para a reconquista de toda a extensão do território nacional e para a pacificação da República da África central colocam o nosso país, ao nível da diplomacia internacional, numa posição bastante delicada" (Mensagem dos Bispos da República da África central de 26 de junho de 2022).

É nesta situação complexa e difícil do nosso país e do mundo que compreendemos mais a urgência de sermos "pobres irmãs" em movimento, com um coração desarmado, tentando remover todas as formas de violência nas nossas palavras, nas nossas atitudes e erradicar o que separa e pode criar barreiras entre nós e com as pessoas que se aproximam de nós.

Irmãs prontas a manifestar-se com fatos, proximidade e solidariedade, no sinal da comunhão; Irmãs que, "reunidas de tantas províncias e países", vivem a alegria e o cansaço de se acolher nas diferenças, em tornar visível a fraternidade.

Irmãs capazes de "reconhecer que dentro das tribulações da história passa a Páscoa do mundo" (Frei Massimo Fusarelli) e dar testemunho da fé em Cristo



ressuscitado, que conduz irresistivelmente toda a história para a vitória do bem sobre o mal.

Nestes dias, quatro meninas desta terra estão vivendo uma experiência entre nós. A luz de Clara resplandece sobre o mundo: em todas as circunstâncias, a beleza renasce e a vida continua a florescer.

"Por isso não desanimamos, nosso olhar não está fixo no que vemos, mas no que não vemos: ... o que não se vê é eterno» (2 Cor 4,18).



DAS IRMÃS DE PORT-AU PRINCE, REPÚBLICA DO HAITI

Somos cinco Irmãs salvadorenhas provenientes do Mosteiro São Damiao de Planes de Renderos, em El Salvador. Chegamos no Haiti em 6 de abril de 2021, acolhidas com grande alegria pelos nossos caríssimos Irmãos Franciscanos. Com o tempo estamos descobrindo sempre mais que ainda é possível viver a primavera do franciscanismo através da unidade e da fraternidade entre nós, Ordem dos Frades Menores, Ordem de Santa Clara e Ordem Franciscana Secular de rosto caribenho, e também um povo que nos acolheu com a alegria transbordante que o caracteriza.





A situação política e social não era muito positiva, mas era possível transitar pelas estradas e fazer as compras necessárias. Apesar de tudo isto, monsenhor Max Leroy Mesidor (Arcebispo Metropolitana de Port-au-Prince, Haiti) nos disse: “Creio que chegaram no momento mais difícil, mas é justamente agora que temos mais necessidade das vossas orações”.

Após o assassinato do Presidente da República, Jovenel Moise, a situação piorou e se transformou em uma guerra declarada, na qual as forças dos grupos armados dominam o país, causando todos os dias a morte de pessoas inocentes. Aumentam os sequestros dos religiosos e dos leigos, e, os saques, a falta de gasolina e a insegurança complicam a vida de todos, enquanto os países mais ricos crucificam o Haiti. Por isso, a sorte dos haitianos é a também a nossa sorte.

Nós como Clarissas devemos permanecer com este povo crucificado, porque deixar o Haiti neste momento seria trair a originalidade do nosso carisma franciscano.

Confiamos na proteção de nossa Mãe do Perpétuo Socorro, na promessa feita a nossa Mãe Santa Clara: “Eu sempre vos protegerei”, e nas orações de todas vós, e é isto o que nos dá a confiança e a força para irmos adiante. Sabemos que se uma sai do Mosteiro, poderá também não retornar, e por isso temos sempre necessidade das vossas orações.

Paz e Bem.





Enquanto enviamos este artigo, desejamos também comunicar a triste notícia do falecimento de uma das nossas irmãs da fundação do Haiti, Irmã Susana Cristina Argueta Delgado, de 42 anos. Faleceu por causa de um ataque cardíaco fulminante. Foi sepultada no Haiti, no terreno onde será construído o Mosteiro. Eu tive a oportunidade de estar com elas e lhes acompanhar no sepultamento. A presença de nossos Frades Menores foi verdadeira força neste momento tão difícil e, ao mesmo tempo, rico de esperança. “Lá onde iremos permanecemos até a morte”: assim, nossa Irmã Susana tomou muito a sério este aspecto da nossa vida de Irmãs Pobres, e isto se torna ao mesmo tempo força e impulso para continuarmos a fundação neste amado país, tão sofrido, condiuidindo com eles e como eles o seguimento de Cristo Pobre e Crucificado.





DAS IRMÃS DE NOVA IGUAÇU, BRASIL

Nosso Mosteiro de Santa Clara é fruto da oração perseverante do então Bispo Diocesano de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipolyto, OFM, que sofrendo com a violência em sua Diocese, rezava incessantemente a Jesus para que lhe proporcionasse a presença de um Mosteiro de Vida Contemplativa na Diocese. Desejava que houvessem Irmãs que rezassem e se sacrificassem pelo povo sofrido da Baixada Fluminense. Ele dizia ser sumamente necessário que a vida da Diocese fosse incrementada pela força que brota da oração silenciosa unida ao sacrifício de alguém que, aparentemente ausente, é presença constante diante da 'Fonte' em favor dos seus irmãos, irrigando, no silêncio do 'Jardim Fechado', o solo espiritual da Santa Igreja.

Pedi em vários Mosteiros do Brasil, mas não era fácil. No ano de 1982, consegui uma resposta afirmativa das Irmãs Clarissas do Mosteiro Nossa Senhora da Piedade, Ilha da Madeira, recebeu a resposta afirmativa para a nova fundação.

As Irmãs fundadoras para poderem vir definitivamente ao Brasil tiveram de esperar até o ano de 1986 para obter o visto de entrada no país, que na ocasião vivia a realidade da ditadura militar.

O terreno destinado à construção do Mosteiro, no alto de uma colina, era um local ermo e na proximidade havia uma grande lixeira onde cotidianamente eram jogados os corpos de vítimas, mortos principalmente devido ao narcotráfico. Tendo sido iniciadas as obras do



Mosteiro a dita lixeira foi desativada e não mais houve desova de corpos no local.

As cinco Irmãs fundadoras chegaram à Baixada Fluminense em 24 de abril de 1986, estabelecendo-se em uma casa provisória, anexa à de Dom Adriano, até que as obras do Mosteiro se concluíssem.

A 13 de maio de 1989 ocorreu, enfim, a inauguração do Mosteiro, concretizando o grande sonho do ‘irmão Bispo’ que na ocasião se expressou: “as Irmãs Clarissas que, levando uma vida escondida com Cristo em Deus, rezam e sacrificam-se por nós, são a garantia de que não nos faltará a graça, a luz, a força do Espírito Santo, para sermos fiéis ao nosso ministério e para encontrarmos a força que nos ajuda a resistir”.

Com o decorrer dos anos, a área ao redor do Mosteiro, antes desabitada, pouco a pouco foi agregando novos moradores, de modo que se pode dizer que o Bairro em que vivemos tornou-se bem mais desenvolvido após a nossa presença aqui.

O povo de Deus com quem nos deparamos é um povo sofredor sim, mas solidário, amigo, gente de fé, gente que louva, canta, dança, se alegra com os que se alegram e choram com os que choram. Um povo acolhedor, um povo guerreiro.

Vivemos sim em meio ao terror da violência, dos tiroteios; choramos com os pais que choram a perda dos seus filhos para o tráfico de drogas, para a prostituição... E ao mesmo tempo somos acalentadas pelo abraço acolhedor de tantos que se preocupam conosco. Em meio a muita pobreza, à miséria a que muitos de nossos irmãos são acometidos, nada nos falta



e somos tratadas como verdadeiras damas. Em troca, damos amor e alegria, e isso os cativa.

O grande número de pessoas que acorrem a esta colina de Santa Clara, participam das celebrações litúrgicas, adoração eucarística, por exemplo, e dizem experimentar uma paz interior, no silêncio que os envolve, com a acolhida que recebem, pelo fato de encontrarem alguém que os escute, que se interesse pela sua dor. E nós, na oração silenciosa diante de Jesus Sacramentado, tudo apresentamos ao Senhor, implorando para todos e a cada um a graça, a misericórdia e o perdão.

Sendo também intenção de Dom Adriano que este Mosteiro fosse o centro da Adoração Eucarística de sua Diocese, construiu uma casa anexa ao Mosteiro para acolher os fiéis das diversas paróquias da Diocese que tinham cada qual sua noite de Vigília de adoração ao Santíssimo Sacramento. A Vigília estendia-se por toda a noite, concluindo com a Santa Missa, às 5 horas da manhã.

Dentre estes adoradores, citamos o testemunho de um senhor de nome João, da Paróquia vizinha da Posse, que fervorosamente participava mensalmente das noites de Vigília, juntamente com seus paroquianos. Este senhor era dono de um estabelecimento, de uma padaria e estando um dia em seu local de trabalho avistou que lá havia entrado um grupo de homens que acabavam de realizar um assalto nas redondezas e tramavam assaltar sua padaria. Percebendo o perigo que sofria, o Sr. João, de pé, atrás do caixa, começou a rezar silenciosamente, invocando o “Jesus da Hóstia, que ele todo mês adorava no Mosteiro das Clarissas, que o livrasse daquele



perigo”. Momentos depois, um dos homens aproximou-se dele e disse-lhe: “Você está rezando ao seu Deus? Nós não te faremos mal algum”. E saíram sem causar nenhum dano. Tendo obtido tamanha graça, o sr. João veio até nós testemunhar o fato e continuou sempre fiel ao culto eucarístico em nossa Capela.

Com o passar dos anos, com o incremento da violência urbana e frequentes conflitos entre facções rivais do narcotráfico, foram reduzindo os grupos de adoradores noturnos, e nos tempos atuais, devido ao flagelo da pandemia do novo coronavírus, elas já não ocorrem; apesar de mantermos durante todo o dia o Santíssimo Sacramento solenemente exposto e as Irmãs se revezam de hora em hora para a Adoração Eucarística.

niciou-se, porém, a alguns meses a retomada da Adoração Eucarística com numerosos fiéis em nossa Capela, que aos primeiros sábados de cada mês, após a Santa Missa das 8 horas, permanecem na Capela, em adoração ao Santíssimo Sacramento e desagravo ao Imaculado Coração de Maria, até às 17 horas.

Atualmente estando a realizar-se mais ostensivamente as operações de combate ao narcotráfico, muitos criminosos, tendo fugido do centro do Rio para as periferias, vêm alojar-se também nas proximidades de nosso Bairro; sendo frequentes os tiroteios, que ecoam para nós como um grande alerta para intensificarmos nossa oração, sacrifício, e súplica pela paz.

Nestes 36 anos de presença em Nova Iguaçu, somos imensamente gratas a Deus que não permitiu que nenhum mal nos atingisse e até nos agraciou com novas



vocações oriundas do Brasil.

Os desafios que enfrentamos e em meio a tantas lágrimas, tiroteios, violência, mantendo a serenidade, a paz, e acolhendo os irmãos e lhes dizendo o quanto Deus os ama, é um grande desafio, mas alimentado com a certeza de que, vivendo o nosso carisma, na sua essência, temos a oportunidade de acolher cada dia, como a Mãe Clara, Jesus a nos dizer: ‘Eu sempre vos guardarei’.



DAS IRMÃS DE TEWATTE - RAGAMA, SRI LANKA

PAZ E BEM

Nós, Clarissas de Tewatte, em Ragama, na diocese de Colombo, no Sri Lanka, que vivemos à sombra de "Nossa Senhora de Lanka", aceitamos com gratidão o convite para escrever este pequeno relato para o CTC, a fim de compartilhar com todos os leitores algumas das muitas experiências que vivemos nos últimos três anos, cheio de dificuldades e sofrimentos enfrentados em nosso país.

O nosso é o primeiro mosteiro de Clarissas Coletinas no Sri Lanka, onde atualmente vive uma comunidade de 17 irmãs e uma postulante. Nos chamamos de "Coletinas" após a reforma da Regra por S. Coletta de Corbie, implementada por inspiração divina no século XVI. Vejamos agora a nossa experiência à luz da nossa Seráfica Mãe Santa Clara, que se voltou com fé e abandono ao Senhor na Eucaristia, erguendo a custódia no momento do perigo, face ao ataque dos inimigos. Ela foi tocada pela certeza do Senhor na Eucaristia: "Não tenhais medo, Eu vos protegerei sempre". O Senhor foi fiel à sua promessa porque o inimigo foi incapaz de atacar o mosteiro, e todos fugiram assim que viram a custódia. Obviamente, "a oração alcança muito mais do que este mundo pode imaginar" se a fé está lá.

Nos últimos três anos, nosso país teve que enfrentar muitos conflitos, que começaram com o bombardeio de diferentes lugares no domingo de Páscoa, 21 de abril de



2019. Foi muito triste ver na televisão sacerdotes e consagradas carregando centenas de caixões para o cemitério e, ao mesmo tempo, fazendo o possível para consolar os aflitos. Imediatamente depois veio a pandemia de Covid 19, após a qual o número de vítimas aumentou. Somos um só corpo com a Igreja Mãe universal, por isso levamos em nossos corações e orações os sofrimentos e tristezas de nossos Pastores e de todo o rebanho, implorando do Senhor misericórdia, perdão e cura.

Como um pai compassivo, o nosso Pastor, o Cardeal Malcolm Ranjith, especialmente na Arquidiocese de Colombo, encarregou-se de aliviar e consolar as vítimas que sofriam e de procurar a verdade por detrás dos atentados do Domingo de Páscoa. Ao mesmo tempo, centenas de sacerdotes e religiosos expressaram seu protesto de forma silenciosa, enquanto as filhas de Santa Clara se colocaram diante do Senhor na Eucaristia dia e noite em turnos contínuos rezando o Rosário. Sabemos que na história da Igreja grandes batalhas foram vencidas pela oração do terço. Lembramo-nos, por exemplo, a batalha de Lepanto. Estamos certos de que qualquer um que recorra à custódia e proteção de nossa Santa Mãe certamente experimentará sua ajuda.

Após o desastre do domingo de Páscoa, as igrejas permaneceram fechadas por um tempo, temendo novos ataques, e a chegada da pandemia também desempenhou seu papel no aumento das dificuldades para as celebrações da Santa Missa. Mas a bondade de Deus para nós era verdadeiramente infinita e não tivemos que renunciar à Santa Missa porque nossos corajosos capelães, padres capuchinhos e carmelitas



continuaram celebrando a Santa Missa para nós, apesar das muitas dificuldades, exceto por apenas alguns dias em observância das leis devido à emergência. Naqueles dias, nossa Madre Abadessa nos deu a Sagrada Comunhão durante a celebração das Laudes. O Pão do Céu continua a sustentar-nos, a dar-nos força e a dar-nos esperança num futuro melhor.

À medida que a pandemia diminuiu, todo o país enfrentou a maior crise de todos os tempos, uma crise econômica, política e social. Houve cortes contínuos na eletricidade, falta de petróleo, remédios, gás, fertilizantes para os agricultores e um aumento diário nos preços dos alimentos e outras necessidades básicas que causou muito sofrimento. Vocês podem perguntar: Como isso tocou sua comunidade? Como filhas da Senhora Pobre de Assis, as nossas necessidades são pequenas e simples. Por exemplo, ainda usamos o forno a lenha para cozinhar e conseguimos coletar madeira em nosso jardim; Portanto, a escassez de gás vindo da cidade não era um grande problema para nós. Não tivemos cortes de energia, pois nosso mosteiro está localizado perto de um dos principais hospitais do país. Naqueles dias, experimentamos em primeira mão a generosidade da Divina Providência através do cuidado de amigos, parentes e benfeitores. Nosso generoso Doador nunca permitiu que nosso "frasco" fosse esvaziado. Como resultado, nossas irmãs externas raramente tinham que sair para fazer compras. Então não precisávamos nos preocupar com viagens ou gasolina.

Em nosso jardim temos muitas árvores de grande porte que oferecem frutos comestíveis. Para citar



alguns, temos cocos, fruta-pão, bananas, mamão... Graças à ajuda de jardineiros, estamos plantando vegetais para as necessidades do mosteiro. Nossa principal fonte de subsistência vem da produção de hóstia para a Eucaristia. Às vezes, os pedidos excedem nossas possibilidades de produção. Durante a pandemia, foi-nos pedido que aumentássemos o tamanho das hóstias, um pedido que tínhamos de cumprir para a segurança dos sacerdotes para continuar a distribuir as hóstias na língua dos fiéis.

Desde o início deste tempo difícil, o número daqueles que vêm bater à porta do nosso mosteiro para pedir ajuda material e espiritual aumentou. De nossas provações e dificuldades, aprendemos a entender a cruz carregada pelos outros. É uma alegria para nós ver como as pessoas saem felizes e confortadas. E a gratidão que brota dos seus corações nós devolvemos, juntamente com os nossos, Àquele que é a fonte de todo o verdadeiro dom.

Tudo isto nos mostrou a beleza e o valor da oração, que é a nossa vocação. Deus nunca abandona aqueles que chamou ao seu serviço. Grande é o seu amor. Deixamos o que chamamos de "tudo" para seguir e possuir Àquele que derrama sobre nós todos os dias Sua força e bênçãos superabundantes. De nossa parte, só devemos obedecer à sua vontade com amor, da melhor maneira possível, no nosso caminho diário de fé até à última meta: o Deus do Amor.

No coro do nosso mosteiro todos os dias detemo-nos em adoração a rezar: "Meu Deus e meu tudo".



Cuidado e solicitude especial...

O encontro do Delegado Geral com as Presidentes da Itália

Ir. Chiara Amata Casalini, osc - Coordenadora das Presidentes das Clarissas da Itália

De 20 a 22 de abril de 2022 reuniu-se em Roma a Coordenação das Presidentes das Clarissas da Itália para o habitual encontro anual dedicado à programação e ao diálogo sobre o caminho das Federações. A presente revisão das Constituições Gerais, promovida e decididamente apoiada pelo Ministro Geral Frei Massimo Fusarelli, ofm, envolve muito a reflexão e a busca sobre a definição dos instrumentos de trabalho que possam envolver efetivamente todas as Fraternidades. A Comissão Internacional a pouco instituída e da qual fazem parte como Delegadas as nossas Irmãs Madre Chiara Cristiana Mondonico e Ir. Chiara Benedetta Conte, iniciou já ativamente o processo com vários encontros.

A experiência se revela entusiasmante, ainda que não isenta de dificuldades, entre as quais, as diversas línguas e traduções, as conexões nem sempre lineares, as diferentes modalidades de visão e de abordagem dos temas mais próprios da nossa forma de vida. É sem dúvida uma ocasião para crescer na escuta e no acolhimento das diferentes visões, que exprimem a beleza de um mundo diversificado onde é sempre presente o rosto de Clara e de suas Irmãs, a sua experiência de mulher de comunhão e de seguimento de Cristo, que em toda cultura fala de simplicidade, de



humildade e de fraternidade. Abordamos este evento histórico com o silêncio e a paciência de tempos longos, na compreensão de prestar a nós mesmas, à Ordem e à Igreja um serviço e um testemunho de sinodalidade e de comunhão.

Sendo assim, o primeiro fruto é a elaboração de um relatório da vida das nossas Comunidades que será enviado por meio das Presidentes a todas as Fraternidades. Foram sugeridas três etapas para o caminho segundo o seguinte itinerário clariano:

“Olha...” relatório da vida das nossas Comunidades;

“Considera...” elaboração de um questionário;

“Contempla...” rascunho ou esboço das novas Constituições.

Para entrar melhor nas dinâmicas deste questionário, faz-se iluminadora e fraterna a presença em nosso encontro do Delegado Geral Pro Monialibus fr. Fábio Cesar Gomes. Fr. Fábio apresenta antes de tudo o seu trabalho através do Ofício Pro Monialibus e o seu empenho em estar a serviço das Irmãs de todo o mundo em nome do Ministro Geral. Estando apenas a poucos meses no ofício, está ainda visualizando o trabalho realizado pelos predecessores de modo a ordená-lo e integrá-lo com novos dados, para um melhor serviço às Comunidades. Salienta a importância do periódico cTc, patrocinado pelo Ofício, como instrumento eficaz de comunicação e de comunhão entre as Irmãs de todo o mundo e deseja que possa ser valorizado e atualizado seja na parte editorial, seja na parte econômica, com a colaboração de todas as Irmãs.

Tem já se encontrado com diversas Comunidades e Federações pelo mundo, constatando em todas um vivo



desejo de conhecer outras experiências de vida clariana e de poder criar, também por seu intermédio, uma rede de comunicação que possa facilitar o intercâmbio de notícias e de itinerários de formação.

Quanto ao assunto das CC.GG., fr. Fábio evidencia a intenção do Ministro Geral de uma revisão do texto, com uma linguagem mais adaptada ao nosso tempo, que reflita também a atual reflexão teológica e que permita a integração dos novos documentos como a Constituição Apostólica *Vultum Dei quaerere* e a Instrução aplicativa *Cor Orans*. A sua atuação deu início a um confronto muito interessante sobre as modalidades de trabalho da Comissão Internacional e suas etapas que ritmarão o procedimento nos próximos anos.

Também a sua atenção e abertura às várias exigências e propostas nos confortou e alegrou muito neste primeiro encontro. A solicitude e o cuidado de São Francisco continuam a acompanhar-nos através da história com a presença destes Irmãos que, com humildade e caridade, colocam a sua competência a serviço da nossa comunhão e do nosso caminho formativo.

A nossa gratidão se faz oração pela Ordem Franciscana empenhada a ser sinal e testemunho de fraternidade evangélica, espelho daquele dom que o Senhor nos confiou para que possamos restituí-lo multiplicado com a nossa vida.

Em louvor de Cristo. Amém.



AS IRMÃS DE CLARA E SUAS REGRAS

Ciclo de palestras do Prof. Gerard Pieter Freeman organizado pelas Irmãs Pobres de Galway, Irlanda

As irmãs de Galway, Irlanda

No início de 2022, realizamos na plataforma Zoom uma série de conferências realizadas pelo prof. Gerard Pieter Freeman. Nós conhecemos o Prof. Freeman pela primeira vez há alguns anos, após sua autenticação de uma tradução para o inglês moderno antigo de uma bula papal de março de 1253 encontrada em nossos arquivos, que anteriormente acreditava-se ser uma falsificação. (AFH An. 111 2018 pp. 377-423). Não tínhamos ideia naquela época de que o estudo desses documentos era parte integrante de sua abordagem ao estudo do período inicial da história da Ordem.

O Prof. Freeman há muito se interessa pela história dos estudos franciscanos, ampliando seu interesse por Chiara e suas irmãs nos anos noventa, quando ele escolheu as Irmãs Pobres do século XIII como tema de sua tese de doutorado em 1997. Devido a sua competência e sua afeição por Santa Clara e suas irmãs, tivemos a coragem de pedir a ele que nos desse algumas ideias e nos atualizasse sobre os novos desenvolvimentos nos estudos sobre Clara. Ele não só ficou muito feliz em atender ao nosso pedido, como se ofereceu para dar dez palestras com base em suas descobertas recentes.



Internacional

Esta oportunidade parecia boa demais para não compartilhar com os outros, então espalhamos a palavra para os outros mosteiros através da secretaria Pro Monialibus. As reuniões foram seguidas não só por nossas irmãs aqui na Irlanda, mas por muitas irmãs ao redor do mundo. Também ficamos muito felizes porque muitas irmãs de Santa Clara se juntaram a nós, uma congregação dedicada ao ensino, nascida de uma de nossas casas irmãs em Dublin em 700. Hoje é um instituto religioso de irmãs de vida ativa espalhadas pelo mundo, que detém muito a fundo sua herança clariana das origens. Fraternidades inteiras ou irmãs individuais participaram do Reino Unido, Estados Unidos, Itália, República Tcheca, Taiwan, Austrália, Nigéria, Uganda, Guatemala e Zimbábue, para citar apenas alguns. Também ficamos muito felizes com a presença de nossos dois assistentes religiosos: Fr. Russell Murray da Prouíncia do Santíssimo Nome dos Estados Unidos e Fr. Gerald Evans que se juntou a nós da Costa Rica.

Estrutura

O ciclo de conferências intitulado: "As Irmãs de Clara e suas Regras" foi realizado por cinco terças-feiras a partir do final de janeiro com duas reuniões por dia. Houve um intervalo entre as duas reuniões com a possibilidade de fazer perguntas e compartilhar. As palestras foram gravadas, mas as perguntas e respostas não foram. Ao final do ciclo, distribuimos o material gravado aos participantes. Havia tanto conhecimento para notar que as gravações se mostraram uma grande



ajuda para assimilar posteriormente a riqueza e densidade do conteúdo das exposições.

Conteúdo

O Prof. Freeman nos acompanhou através das Regras que Clara e suas irmãs viveram: a forma primitiva de vida dada por Francisco, a Regra de Hugolino, a Regra de Inocêncio IV e a própria Regra de Clara. Além disso, examinou as sucessivas Regras, a de Isabel da França e de Urbano IV destacando a influência que a Regra de Clara exercia sobre elas.

Freeman descreve, com pinceladas amplas, três abordagens para a história dos primeiros dias da Ordem: a tradicional, descrita pelo franciscano irlandês Luca Wadding em seu estudo sobre a história da Ordem escrita no século XVII, na qual Francisco e seus irmãos são os principais protagonistas e Clara e suas irmãs são as discípulas; a abordagem mais moderna na qual o Cardeal Hugolino e a Cúria se opõem à pobreza de São Damião e as irmãs devem submeter-se, e uma terceira abordagem menos comum, que consiste em dar uma olhada mais de perto nos detalhes da vida de Clara e das irmãs em São Damião e em outros lugares, a fim de obter informações, às vezes confusas, diretamente dos próprios mosteiros, como a bula papal mencionada acima.

Em sua opinião, a terceira abordagem complementa as outras duas, que são muito limitadas e incompletas. A terceira abordagem enfatiza o desenvolvimento orgânico dentro dos mosteiros individuais e leva em conta o papel específico e a contribuição das próprias mulheres. Além disso, leva em conta a realidade humana



em que as pessoas aprendem com as experiências vividas e mudam de acordo com elas. Com base nisso e apoiado por outras evidências convincentes, ele argumenta que as disposições práticas relativas à vida cotidiana na Regra de Ugolino (como jejum, roupa de cama e ficar descalço) foram, na verdade, uma tentativa do então Cardeal Protetor de codificar as práticas da comunidade de Clara em São Damião nos primeiros anos, práticas que, com o passar do tempo, foram reconhecidas pelas próprias irmãs como muito rigorosas.

O Prof. Freeman forneceu uma compreensão mais sutil de como a Regra de Hugolino tinha sido entendida por Clara e suas irmãs em São Damião e nos outros mosteiros e, ao contrário da opinião predominante entre os estudiosos de hoje, ele argumenta que não há evidências suficientes para acreditar que a Ordem de Hugolino existia como completamente diferente de São Damião. Ele mostrou que a regra de Clara não só tinha sido aprovada para São Damião, mas também para alguns outros mosteiros. Na verdade, ele argumenta que, com exceção de Assis e Praga, é impossível fazer uma clara distinção entre os mosteiros "de Hugolino" e os "de Francisco/Clara". Ele também abordou as características da vida das irmãs de forma original. Além de reconhecer a importância dos temas da pobreza e do "cuidado e solicitude" dos Frades Menores para com Clara e as irmãs, ele deu igual importância à união da caridade mútua, à clausura e aos aspectos mais práticos do cotidiano das irmãs (comida, sono, vestuário, silêncio/fala e o cuidado das irmãs doentes). De fato, em uma passagem, ele afirmou que, segundo seu ponto de vista, a "união da caridade recíproca" pode



ter sido o valor mais importante para Clara.

Revolucionário?

Às vezes provocativo, Freeman admite que algumas de suas observações podem provocar reações duras naqueles que têm opiniões diferentes sobre o início da história da Ordem. Uma irmã o descreveu como "revolucionário". Ele tentou indicar que as restrições de tempo (apenas dez conferências) não lhe permitiram apresentar todas as razões de suas declarações. Para preencher as lacunas, ele se comprometeu a reorganizar as conferências e prepará-las para a publicação de um livro. Ele possibilitou a divulgação do material das conferências para as Irmãs Pobres espalhadas pelo mundo e convidou as irmãs a enviarem suas respostas, reflexões e possíveis objeções às suas intervenções, de modo a ter a oportunidade de avaliar e refletir sobre cada uma delas e incluí-las no livro.

Uma "questão clariana"?

Como sabemos um grande trabalho já foi dedicado a investigar e explicar os primeiros tempos da história da Ordem. No entanto, esse ciclo de conferências nos deu uma percepção mais acentuada do que os estudiosos muitas vezes detectam: que ainda há muito a ser feito antes que uma visão mais nítida de Clara e das primeiras Clarissas possam realmente emergir. O que tornou esse ciclo de conferências tão convincente foi a grande quantidade de evidências convincentes fornecidas para apoiar as teses propostas e, ao mesmo tempo, a disposição do relator de reconhecer o quanto ele e nós ainda desconhecemos.



No último século, muita atenção foi dada à "Questão Franciscana". O que a pesquisa de Freeman mostra é que hoje uma "Questão Clariana" também está se apresentando na família franciscana.

Uma proposta

O frei Russell Murray, assistente religioso da Federação do Santíssimo Nome, disse que o ciclo de conferências era "extremamente rico em conteúdo acadêmico e profundamente estimulante em comparação com tudo o que os participantes da conferência achavam saber sobre o assunto". Em relação ao momento histórico em que foram realizadas as conferências - a revisão das Constituições Gerais - ele acredita que é importante continuar o diálogo sobre os temas abordados. Ele sugeriu que isso possa ser feito de três maneiras: através da publicação de um livro baseado na apresentação das conferências, (já em andamento como mencionado acima), através da organização de uma Conferência Internacional virtual de acadêmicos durante a qual o livro pode ser apresentado e onde os temas nele abordados podem ser examinados com mais detalhes, e em terceiro lugar, através da publicação de um livro baseado na discussão que surgiu da Conferência, de modo a disponibilizar seu conteúdo para um público mais amplo. Ele considera importante que esses temas sejam tratados em paralelo com o trabalho da Comissão de Revisão, para que o valor da nossa Regra e seu legado possa ser apreciado mais profundamente e possamos ser ajudadas a entender o quanto nossas constituições revisadas nos permitirão viver melhor nossa vocação hoje.



Uma vez que o processo de revisão deverá durar quatro anos, haverá tempo suficiente tanto para o livro quanto para a conferência subsequente contribuir para o trabalho da comissão.

Formação em comunhão

O ciclo de conferências foi uma experiência verdadeiramente enriquecedora, não apenas pela alta qualidade dos conteúdos, mas também pela sensação de comunhão fraterna que todos nós experimentamos. Apesar do fato de dedicar cinco tardes de terça-feira a ela ter sido muito desafiador para nós, e sem dúvida também para aqueles que participaram, definitivamente valeu a pena. Nossa Presidente Federal, Ir. Bernadette insistiu que nossa Federação apoiasse o evento e isso provou ser uma bênção para todos. As conferências tiveram uma resposta plena de entusiasmo de todos os participantes e foi muito interessante ouvir, durante o momento do debate, as respostas e reações das irmãs às várias novas ideias que foram propostas.

Este curso nos deixou com um profundo sentimento de gratidão pelo empenho e dedicação do Prof. Freeman e de muitos outros estudiosos, incluindo algumas Irmãs Pobres, que dedicam seu tempo para nos ajudar a entender e apreciar mais profundamente o carisma que nos foi confiado.

Como mencionado acima, com a permissão do Prof. Freeman, por enquanto estas conversações são apenas para o uso interno das Irmãs Pobres. Qualquer mosteiro que desejar receber uma cópia das gravações pode entrar em contato conosco no seguinte endereço: poorclaresgalwayvocations@gmail.com



AS IRMÃS E OS IRMÃOS DA HOLANDA

1- Colaboração entre os frades e as irmãs na Holanda

Fr. Fer van der Reijken, ofm

A Holanda está se secularizando rapidamente. É uma situação triste do ponto de vista religioso, mas também oferece oportunidades!

Em 1986 foi organizado o primeiro Encontro Franciscano: um fim de semana para as irmãs e irmãos em formação inicial (desde postulantes até um ano após a profissão solene) dos Frades Menores, Capuchinhos, Clarissas e Irmãs Franciscanas dos Países Baixos e de Flandres. Durante 35 anos, no tempo da formação inicial, irmãos e irmãs começaram a familiarizar-se uns com os outros e com as respectivas espiritualidades. Para os formadores das irmãs e frades, o Encontro Franciscano é uma plataforma de encontro.

Os contactos entre os frades e as irmãs assumem várias formas. Não só os frades estão servindo como guias pessoais das irmãs, mas também há vários frades que escolheram uma Clarissa como sua diretora espiritual. As reuniões comunitárias e os capítulos dos frades são por vezes moderados ou presididos por uma Clarissa Pobre, e vice-versa.

Por ocasião de festas especiais, especialmente as franciscanas, irmãos e irmãs visitam-se e estão presentes (com representação) nas celebrações do Trânsito, na véspera da festa de São Francisco ou Santa Clara. A publicação *The Bond* foi o canal comum de



comunicação para os frades e irmãs de Flandres.

De tempos em tempos, um livro de espiritualidade franciscana é publicado em holandês com a contribuição de uma irmã e de um frade. (Corveleyn - De Vos; Zweerman - Van den Goorbergh) Em 2 de agosto de 2018, foi lançada uma grande iniciativa em 's-Hertogenbosch. O convento dos Capuchinhos, que remonta a 130 anos, tinha sido assumido pelos Frades Menores. A pedido de um membro da Ordem Franciscana Secular, neste convento começou uma experiência de partilha de vida e trabalho entre Frades Menores, Capuchinhos, Clarissas e um casal pertencente à Ordem Franciscana Secular.

2- São Damião, o 'Convento na cidade'

Michel Versteegh, ofs

Introdução

Já em 1228, dois anos após a morte de Francisco, os Frades Menores estabeleceram-se nos Países Baixos, em 's-Hertogenbosch, seguindo-se as Clarissas em 1350. Em torno das casas da Primeira Ordem formaram-se grupos da Ordem Terceira. Em 1629, após a captura de 's-Hertogenbosch por tropas estatais, a profissão pública da fé católica foi proibida. Conventos foram confiscados, religiosos e religiosas foram removidos ou silenciosamente tolerados enquanto não entrassem na esfera pública. Eles permaneceram presentes e ativos nas igrejas clandestinas. Em 1761, o último capuchinho de 's-Hertogenbosch morreu. Somente após a



reconstituição da hierarquia episcopal (1853) foi possível restabelecer a família franciscana em 's-Hertogenbosch. Em 1897, os frades capuchinhos construíram um convento e uma igreja no novo distrito de Zand, fora das muralhas da cidade. Mais tarde, um edifício foi adicionado para escritórios (a cúria provincial) e outro para reuniões e encontros da Ordem Terceira (a casa de Francisco). Quando, em 2015, os Capuchinhos decidiram vender os edifícios conventuais, foi estudada a possibilidade de iniciar aqui uma nova iniciativa: a colaboração entre Frades Menores, Capuchinhos e Clarissas. Em 2018, os Frades Menores compraram os edifícios e o novo projeto começou. Atualmente (primavera de 2022), o convento é habitado por seis Frades Menores, um frade capuchinho, duas irmãs Clarissas e dois membros da Ordem Franciscana Secular. Há também residentes temporários: um estudante de teologia durante a duração de seus estudos e, muitas vezes, convidados das Clarissas que vêm para um ano sabático (por um período de algumas semanas ou até vários meses). Quando falamos de "companheiros de quarto" neste artigo, estamos nos referindo aos residentes permanentes.

Estrutura

Vivemos sob o mesmo teto, mas somos três comunidades independentes: uma comunidade da Primeira Ordem (Frades Menores), uma sub-comunidade da Segunda Ordem (as Clarissas pertencem à comunidade "De Bron", as outras irmãs vivem em Nijmegen) e um casal ambos da Ordem Terceira (a Ordem Franciscana Secular não tem de fato uma comunidade). Consideramos essencial que cada



comunidade tenha e mantenha o seu próprio carisma, mas apoiamo-nos e complementamo-nos mutuamente onde é possível e útil fazê-lo. Diferentes aspectos de nossas vidas executamos juntos, por exemplo, rezamos e comemos juntos.

Momentos de oração

Celebramos a liturgia juntos, em parte na igreja (Laudes e Vésperas ou Missa), em parte em uma capela interna, antigo coro dos Capuchinhos (Hora Sexta e Completas). Todas as celebrações estão abertas a convidados e àqueles que desejam se juntar a nós. No domingo de manhã a missa é celebrada na igreja do convento e todo primeiro domingo do mês, à tarde, é em inglês. Para a preparação de celebrações especiais, - vigílias durante o Advento e a Quaresma ou o Trânsito na noite anterior à festa de Santa Clara e a de São Francisco - formamos grupos de trabalho ad hoc, cuidando para que eles sejam sempre compostos por pessoas de mais de um grupo dos moradores. Nas tardes de terça e sexta-feira e nas noites de quinta-feira, a igreja está aberta para confissões ou conversas espirituais. Nestas ocasiões, há também espaço para a oração silenciosa. Para entrevistas, no entanto, é sempre possível marcar consultas individuais com os vários residentes.

As irmãs das Clarissas têm a responsabilidade de liderar a Hora Sexta e Completas. Os membros da Ordem Terceira e alguns frades também participam nestes momentos de oração, na medida em que não são impedidos de o fazer pelo trabalho. Quase todos os moradores se revezam liderando Laudis e Vésperas.



Organização

Foi formado um grupo de coordenação composto por membros dos três grupos (OFM, OSC e OFS) e vários grupos de trabalho, cada um dos quais inclui pelo menos um membro dos três grupos. Cada comunidade tem uma reunião semanal de capítulos, onde são tomadas decisões que afetam apenas essa comunidade. As decisões com consequências que afetem mais do que uma comunidade são decididas pelo grupo de coordenação. As diferentes opiniões de todos os residentes são levadas em conta. Na prática, isso significa que, às vezes, apenas uma comunidade faz uma proposta, que é discutida pelo grupo de coordenação e, posteriormente, pelas outras comunidades, após o que a decisão é tomada durante uma reunião subsequente do grupo de coordenação, que se reúne a cada duas semanas e é composto pelo Guardião e pelo Vigário dos Frades, um representante permanente das Clarissas e um representante permanente dos membros da OFS que Ele também é o presidente do Grupo de Coordenação. Por vezes, há questões para as quais não é possível aguardar a próxima reunião agendada do grupo de coordenação, pelo que é organizada uma reunião ad hoc. Todos os co-habitantes são informados das decisões do grupo de coordenação através de um boletim digital, enviado a todos alguns dias após a reunião do grupo.

Questões de longo prazo são discutidas entre todos os co-habitantes uma vez a cada dois meses, durante a reunião de todos os membros da casa chefiada por um presidente externo. Os temas que foram discutidos em profundidade nestes encontros dizem respeito a como



desejamos rezar a Liturgia das Horas, como experimentamos a hospitalidade e como desejamos expressá-la. Uma vez por mês, temos um recreação comum e nos encontramos regularmente para café ou chá. Eventos especiais, como aniversários são realizados juntos, tanto quanto possível. Certificamos de que as três comunidades estão melhor representadas em grupos de trabalho e comitês (grupo de jardinagem, comitê de atividades, comitê litúrgico, etc.). Para todas as tarefas que não sejam da responsabilidade específica de um dos grupos de residentes, é nomeada uma pessoa que é a principal responsável pelas mesmas e que atua como substituto em caso de ausência ou impedimento por um período prolongado. Esta lista de tarefas é avaliada de tempos em tempos e revisada conforme necessário.

Visão geral

Elaboramos em conjunto um documento em que expressamos a nossa visão; em essência, resume-se ao seguinte: "O 'Convento na cidade' São Damião é formado por mulheres e homens que escolheram seguir Cristo seguindo os passos de Francisco e Clara de Assis".

Dentro do convento, isso significa:

- que pertencemos a diferentes comunidades, cada uma com suas próprias características e autonomia;
- que a responsabilidade primária de viver juntos como irmãos e irmãs reside na própria comunidade, onde cuidamos uns dos outros;
- que cada um, com base no seu próprio carisma, procure pontos em comum e respeite as diferenças;
- que desejamos viver em comunidade com os outros, mas deixando espaço para a liberdade pessoal; apoiamo



-nos uns aos outros na nossa fraqueza e vulnerabilidade; buscamos a felicidade uns dos outros;
- que rezamos, comemos juntos, que nos encontramos. Juntos, assumimos a responsabilidade pela nossa casa comum.

Visão externa:

- Estamos cientes de que este é um projeto em andamento e, portanto, estamos abertos ao que é apresentado em nosso caminho. Abordamos as coisas de forma flexível, para que seja um processo dinâmico.
- Estamos conscientes de que somos parte de um todo maior e somos frugais e conscientes no uso do que a Mãe Terra nos oferece.
- Somos parte da Igreja Católica Romana universal, somos irmãos e irmãs de todos os cristãos e somos hospitaleiros e abertos a pessoas com opiniões diferentes, àqueles que estão procurando, aos céticos e aos não-crentes.
- A abertura e a hospitalidade para com todas as pessoas de boa vontade concretizam-se na nossa vida cotidiana de oração e de assistência pastoral e social. Nisso, nossa atenção é direcionada principalmente para a cidade em que vivemos. A forma de oração e liturgia é simples e bem cuidada; com base em uma tradição preciosa, tentamos adaptá-la à fé e ao mundo das pessoas de hoje.

Listamos alguns pontos

Oração e liturgia

Como mencionado acima, todos podem participar da Liturgia das Horas e da Missa na igreja (terça, quinta e domingo). Três vezes por semana (terça-feira, sexta-



feira à tarde e quinta-feira à noite), há a possibilidade de ter uma conversa espiritual ou ir à confissão.

Café para os sem-teto

O cuidado pastoral para os sem-teto em 's-Hertogenbosch encontrou hospitalidade em nosso 'Convento na Cidade'. Duas tardes por semana – segunda e quinta-feira – os sem-teto (também chamados de "nossos amigos de rua") recebem café ou chá em um grande salão. Nas tardes de segunda-feira, há pessoas da fundação 'Loods' ('Guia') que tentam ajudar essas pessoas a encontrarem um emprego gradualmente. Nas tardes de quinta-feira, o “padre das ruas” tem sua própria agenda. Além disso, todo primeiro sábado do mês em nossa igreja há uma oração conduzida pelo cuidado pastoral para os sem-teto. Todos os dias da semana, no entanto, os sem-teto podem tocar o sino do convento para uma xícara de café e um biscoito nutritivo, e muitos aproveitam essa oportunidade.

O jardim aberto

O convento tem um belo e grande jardim, que é bastante especial no meio da cidade. Às vezes, portanto, abrimo-lo aos visitantes, com hora marcada ou num sábado à tarde, com acesso gratuito. Os visitantes também podem fazer uma caminhada meditativa e refletir sobre alguns temas da espiritualidade de Francisco e Clara.

Uma vida "mais verde"

Estamos tentando viver de uma forma "mais verde" e sustentável: estruturalmente, por exemplo, isolando melhor as janelas; a nível pessoal, optando, sempre que possível, por produtos alimentares mais ecológicos. Esta



é uma área que nos desafia a viver de forma criativa e consciente.

Separados e juntos

Uma vez que 's-Hertogenbosch é também uma cidade catedral, temos muito cuidado em cooperar com a diocese sempre que possível. Há também ligações cordiais com a Igreja Protestante Holandesa na cidade e estamos à procura de oportunidades de colaboração.

3- Como Clarissas, as Irmãs vivem, tanto quanto possível, a sua vida contemplativa inseridas na experiência do 'Convento na cidade'

Ir. Beatrijs Corveleyn, osc e Ir. Elisabeth Luurtsema, osc

A nossa experiência faz-nos compreender que os tempos atuais exigem uma colaboração mais intensa entre a Primeira, a Segunda e a Terceira Ordem. Graças às nossas diferentes vocações e formas de vida, podemos complementar-nos e ser uma fonte de inspiração recíproca. O "Convento na cidade" oferece-nos o espaço e a possibilidade de experimentar e implementar tudo isto sob o mesmo teto, mas cada um de acordo com a sua própria vocação. Dentro desse todo mais amplo que é a vida comum no "Convento na cidade", nós, irmãs, sentimos o desafio de viver nossa vocação contemplativa com cuidado e dedicação, em um ambiente onde há muitas atividades e áreas que exigem atenção.

Tudo isto toma forma na programação diária, na escolha das atividades para as quais se deve ou não contribuir ativamente, no planejamento e vivência do dia mensal de reflexão e da semana anual de retiro aqui



no convento. A clara delimitação dos tempos de silêncio e do corredor do claustro onde as irmãs têm os seus quartos, cria as condições necessárias para isso. Há muitas tarefas que as irmãs realizam em silêncio e para o benefício de todos: por exemplo, serviços litúrgicos (cuidado da sacristia, arranjo de flores na igreja) ou digitais. Preocupamo-nos com esta estreita colaboração, não só porque a nossa espiritualidade franciscano-clariana nos é muito querida, mas também porque queremos fazer com que os outros participem dela de uma forma simples. Vivendo e trabalhando juntos dessa maneira, unimos forças em um momento de declínio da Igreja na Europa Ocidental. Juntos, mostramos também às pessoas um sinal de convivência fraterna e respeitosa, numa sociedade marcada por tantas divisões, que põe forte ênfase na auto-realização individual, causa de muita solidão, incluindo a solidão espiritual. Mostramos que é possível conviver de forma respeitosa com diferentes carismas, em meio a uma sociedade que coloca o indivíduo em primeiro plano e no centro. No convento, a nossa dimensão contemplativa tem uma importância particular tanto para os residentes





como para os hóspedes. Estes últimos muitas vezes se juntam à nossa oração, o que seria muito menos possível se houvessem apenas dois momentos de oração diária.

Somos um projeto em construção. Às vezes isso significa ser pioneiros, outras vezes ir por tentativa e erro, e buscar: "Como fazemos neste caso? Fazemos isso juntos ou não?". Às vezes, também significa experimentar limites, porque nem tudo o que é estimulante e encantador ou bom, também é possível. A nossa primeira preocupação é viver e encarnar sempre com cuidado o nosso carisma.

Esta é a base da nossa vida aqui, sobre a qual o resto da construção é construída. De acordo com a nossa experiência, o "Convento na cidade" São Damião é um bom lugar para viver, rezar e trabalhar como seguidores de Santa Clara.





DAS IRMÃS DE LOS ANGELES, CHILE

Partilhamos de bom grado convosco toda a vida de um mosteiro de Irmãs Pobres.

O Chile está localizado lá no fim do mundo, atrás de uma imponente cordilheira, e há uma Comunidade de Irmãs Pobres. Nosso belo país é uma longa franja de terra que vai do deserto do norte ao extremo sul, na fronteira com a Antártida. É cercado a oeste pelo Oceano Pacífico e a leste pela Cordilheira dos Andes. Temos uma grande variedade de paisagens em todo o longo e não muito amplo país, uma lenda popular conta que no final da criação Deus escondeu atrás da cordilheira tudo o que sobrou.

Aqui, depois da descoberta da América, começa a história franciscano-clariana que muito contribuiu para o desenvolvimento da evangelização nesta terra remota do nosso continente.

Desejamos compartilhar com vocês os começos bastante incomuns da Ordem aqui no Chile. Por isso, recordamos com gratidão as Irmãs que nos precederam e que se deixaram guiar, com toda a alma e com o coração apaixonado, pela mão de Deus. Convidamos você a aprender sobre esta fascinante história.

História

Para falar da origem de nossa Ordem no Chile é necessário voltar a 1517, na atual cidade de Osomo, quando três nobres de origem espanhola: Isabel de



Landa, Isabel de Palência e sua sobrinha Isabel de Jesús fundaram o Bizzocaggio de "Las Isabelas", que assumiu o nome de Mosteiro de Santa Isabel, aderindo à Ordem Terceira Franciscana. Em 1571 diz-se que naquele lugar (que já tinha sete Irmãs professoras e duas noviças) foi erguido como convento pelo ministro provincial franciscano Frei Juan de Vega.

Em 1600, a cidade foi invadida pelos nativos e as irmãs foram forçadas a se refugiar na fortaleza junto com os últimos habitantes da cidade. Eles ficaram lá por três anos. Devido ao constante cerco indígena e à precariedade em que se encontravam, os últimos habitantes de Osomo começaram sua fuga para o sul do país, em direção à cidade espanhola mais próxima, Castro. Durante a longa marcha, eles tiveram que suportar grandes dificuldades e lidar com muitas necessidades.

Quando a notícia da destruição que as cidades do sul estavam experimentando chegou a Santiago, os barcos foram preparados com suprimentos destinados aos habitantes daquelas localidades. A bordo desses barcos estava Frei Juan Barbero, juntamente com dois irmãos leigos da Ordem de São Francisco, com a missão de tirar





"Las Isabelas" e acompanhá-las à cidade. Eles então começaram a viagem com a rota de Valparaíso e depois chegaram a Santiago.

No ano de 1604, as 13 irmãs que sobreviveram após a longa peregrinação professaram a Regra de Santa Clara. Desta forma, o primeiro mosteiro no Chile foi fundado. Pouco depois de chegarem à cidade, as irmãs instalaram-se na rua Alameda, no terreno que é atualmente ocupado pela Biblioteca Nacional. Ali começou o carisma de Santa Clara em nosso país por três séculos até 1913 quando, depois de um forte terremoto que arrasou o país até o chão, deixando a estrutura do mosteiro em más condições, a comunidade mudou-se para o seu novo mosteiro localizado na rua Eusebio Lillo, no distrito de la Recoleta, para continuar a sua vida contemplativa. Elas permaneceram lá até 1972, quando se mudaram para o município de Puente Alto, onde o antigo Mosteiro de Santa Clara continuou a viver.

Nosso Mosteiro Santa Maria dos Anjos foi fundado em 19 de março de 1974 na cidade de Los Angeles, Prouíncia de Bio-Bio, a pedido de Dom Orozimbo Fuenzalida, então bispo da diocese.

Quatro irmãs do antigo Mosteiro de Santa Clara de Puente Alto mudaram-se para implantar o carisma clariano no sul do nosso país. Após sua chegada em Los Angeles, elas se estabeleceram em uma pequena casa localizada na antiga strada 5 sud. Os primórdios foram muito difíceis, como sempre num novo fundamento, e as nossas irmãs viveram em total abandono à providência divina, confiando alegremente a sua vida ao Senhor. Ao longo dos anos, foram construindo os vários espaços necessários para garantir que aquela pequena



casa abrigasse um mosteiro de vida contemplativa, que entretanto acolheu as novas irmãs que Deus estava dando a esta diocese.

O Senhor fez crescer a comunidade e a sua providência permitiu construir um novo mosteiro que atualmente se situa nos arredores da cidade, num lugar muito bonito ao qual demos o nome de "Colina de Assis".

Encerramento do antigo Mosteiro de Santa Clara

O que marcou profundamente a história do nosso país foram os terríveis terremotos que em diferentes épocas tornaram nossas estruturas não resistentes por um longo tempo e assim o último, vivido em 2010, significou que o antigo Mosteiro de Santa Clara de Santiago (de onde nossa fundação começou) teve danos estruturais graves de modo a torná-lo inutilizável. A





partir desse momento, as irmãs mudaram-se para a enfermaria, o último pavilhão construído com materiais mais resistentes do que o resto do mosteiro construído com tijolos crus.

Continuaram a viver ali com alegria e simplicidade franciscana, adaptando-se às circunstâncias, a mudanças significativas, encontrando-se num lugar menor e sem os espaços habituais: a igreja, o refeitório, o claustro, a oficina, os locutórios... e com isso a diminuição do número de irmãs e a escassez de vocações.

Após um longo processo de discernimento, de encontrar um novo lugar para construir (porque a reconstrução no mesmo lugar tinha um custo muito alto) e a proposta de diferentes possibilidades, diante da difícil realidade que estava sendo vivida, decidiu-se fechar o Mosteiro, chegando à concretização em outubro de 2017. Sem dúvida, foi um passo muito doloroso, especialmente porque foi o primeiro mosteiro clariano chileno, mas Deus também falou através daquelas circunstâncias e daquela dor dando a força e a graça para alcançar o encerramento. Duas irmãs do antigo Mosteiro de Santa Clara (aquele que 43 anos antes tinha tornado possível o nascimento do nosso mosteiro no sul, privando-se de 4 irmãs) pediram para fazer parte da nossa Comunidade e com elas o Senhor deu-nos um rico patrimônio de tradição e história, um legado de todas aquelas Irmãs Clarissas que ao longo de 4 séculos se entregaram a Deus no silêncio fecundo do claustro, comprometendo-se sobretudo ao cuidado do culto divino e deixando um profundo rastro na sociedade com os trabalhos desenvolvidos no seio da



Comunidade, dos quais o mais conhecido é a cerâmica perfumada.

Situação da Ordem de Santa Clara no Chile

Atualmente, existem apenas dois mosteiros em nosso país. Deve-se lembrar que ao longo dos séculos o antigo Mosteiro de Santa Clara criou uma única fundação, que depois cresceu ao longo do tempo, na mesma cidade de Santiago, de modo que não foi possível difundir nossa espiritualidade em outras cidades do Chile.

Também é necessário considerar que os mosteiros de vida contemplativa em nosso país são poucos, o que significa que em muitas dioceses eles estão ausentes de sua vida eclesial. Além disso, a atual situação vocacional está passando por um momento de dificuldade, a diminuição das vocações levou ao fechamento de vários





mosteiros femininos, especialmente em Santiago do Chile, que é a cidade onde a maioria dos mosteiros estão localizados, como pode ser percebido contando os primórdios de nossa história. As Ordens procuravam um lugar seguro para se instalarem para não correrem o risco de serem comprometidas nas vicissitudes do tempo que diziam respeito à conquista do nosso país.

Ao longo dos séculos a realidade mudou muito e algumas Ordens deram vida a fundações mesmo fora da capital do país.

Hoje a nossa Comunidade é composta por 15 irmãs: 13 professoras solene e 2 noviças. Há apenas duas irmãs mais velhas que pertencem ao grupo de fundadoras: Madre Margarita María (94 anos) e Madre Maria Luisa (85 anos), por isso podemos dizer que somos uma comunidade jovem.

O lugar onde vivemos – longe da cidade, a uma certa altura e rodeado por um belo vale – favorece o silêncio para o encontro com Deus. É por esta razão que muitos irmãos na fé vêm a nós para momentos de oração e para alguns dias de retiro em nossa pousada. Encontramos também grupos paroquiais e escolares que querem conhecer a nossa vida e aprofundar os temas tratados nas catequeses ou nos diferentes grupos. Nestes casos, acolhemo-los nos locutórios e algumas irmãs partilham com eles os diferentes temas, procurando sobretudo fazer compreender que toda a vida é uma vocação e que há sempre necessidade de discernimento, fazendo a pergunta que Francisco de Assis se fez: «Senhor, o que queres que eu faça?».

Somos o único mosteiro de vida contemplativa dentro da Diocese, um farol de espiritualidade para muitos



corações sedentos de Deus e para muitos outros irmãos e irmãs que pedem orações por suas necessidades. A portaria e o telefone transformam-se em lugares de acolhimento e escuta das mais variadas situações de aflição, o que nos ajuda a oferecer nossa vida ao Senhor com uma renovada responsabilidade todos os dias.

Deste lugar remoto do mundo, peçamos ao Senhor a graça de viver com fidelidade o carisma de Santa Clara e de poder testemunhá-lo no lugar concreto onde Ele nos convocou, imersas na realidade da nossa diocese, do nosso país, dos nossos irmãos e irmãs que confiam muito na nossa missão orante e de todos aqueles que não sabem que rezamos por eles. Peçamos esta graça para cada uma das nossas irmãs presentes no mundo, para que a nossa vida entregue no silêncio do claustro seja um sinal da proximidade de Deus ao mundo.

Unimo-nos todos os dias em oração vivendo na alegria da nossa vocação de Irmãs Pobres de Santa Clara.

Com todo o nosso afeto fraterno!



Recebemos

IRMÃOS TODOS... IRMÃS TODAS!

Ir. Marie de Jésus, osc - Libreville, Gabão

Introdução

"Irmãos todos", escreveu São Francisco de Assis, dirigindo-se a todos os seus irmãos e irmãs, para lhes propor uma forma de vida com um sabor do Evangelho. Entre seus conselhos, gostaria de destacar um, para o qual ele nos convida a um amor que vai além das barreiras da geografia e do espaço. Ele declara feliz quem ama o outro "quando está longe d'Ele, tanto quanto como se estivesse ao seu lado". Com estas poucas e simples palavras, explicou a essência de uma fraternidade aberta, que nos permite reconhecer, apreciar e amar cada pessoa para além da proximidade física, para além do lugar do mundo onde nasceu ou onde vive" (Papa Francisco, FT 1).

Queridos irmãos e irmãs em Cristo, amadas irmãs, o Senhor nosso Deus, Pai das Misericórdias, cheio de bondade por todos os seus filhos, dá-nos tudo o que precisamos para O conhecer e amar e para nele florescer, em todas as épocas da nossa história e da nossa vida. O dom à Igreja do nosso Papa Francisco e dos documentos extraordinários que ele nos oferece, é verdadeiramente providencial e não podemos fazer uma leitura distraída, especialmente nós, membros da família franciscana, porque São Francisco de Assis (e toda a espiritualidade franciscana em geral) inspira enormemente esses documentos. Lendo e meditando atentamente Fratelli tutti, tive o desejo de compartilhar



com vocês esta meditação e o que me inspira para a nossa vida como Clarissas e Cristãs hoje. O Papa realmente se parece com um São Francisco moderno, e como a Mãe Santa Clara fez para muitas das palavras de seu irmão mais velho na fé, também nós só podemos traduzir para 'o feminino' o que o Papa Francisco nos diz hoje: Irmãos todos, irmãs todas!

A Carta Encíclica *Fratelli tutti* do Papa Francisco foi um grito, um apelo profético ao qual nós, Clarissas, filhas de São Francisco, não podemos ficar insensíveis, mas deve nos tocar, nos questionar de maneira muito especial. Providencialmente, esta Encíclica chegou pouco depois de *Cor Orans e Vultum Dei quaerere*, que nos convidam a aproximarmo-nos na comunhão fraterna e na ajuda mútua intercomunitária.

Chamadas a um amor misericordioso

FT 2: «... São Francisco, que se sentia irmão do sol, do mar e do vento, sabia-se ainda mais unido aos que eram da sua carne. Por toda parte semeou a paz e caminhou ao lado dos pobres, dos abandonados, dos doentes, dos rejeitados, dos últimos”.

Em nossas comunidades, em nossas federações, ainda que tenhamos dificuldade em reconhecê-lo, também existem irmãs pobres, abandonadas, doentes, marginalizadas que poderíamos definir como “últimas”. Aquela pela qual eu poderia me sentir menos atraída, que aparentemente tem menos forças e mais defeitos, que me cansa, me irrita, que perdeu suas capacidades físicas ou intelectuais, que não posso perdoar... Mas muitas vezes esquecemos que somos um Corpo, do qual Cristo é a cabeça. Cada uma tem alguns aspectos em seu



corpo ou caráter que ela talvez considere menos bem-sucedida ou gostaria de melhorar. Apesar disso, não cortamos nossas orelhas porque as achamos muito grandes, mas tentamos nos aceitar como somos e como Deus nos criou. Como diz São Paulo (cf. 1 Cor 12, 23-24), as partes que parecem menos decorosas, tratamos com mais decoro e respeito. Como trato minhas irmãs quando elas parecem estar com problemas, quando me contradizem? Acredito que nunca terei crises em minha vida? Eu também não tenho características que são igualmente difíceis para os outros suportarem?

Aqui gostaria de citar as palavras do Papa Francisco, que nos convida a ser benevolentes nas nossas relações interpessoais (FT 224): «A bondade é uma libertação da crueldade que às vezes penetra nas relações humanas, da ansiedade que nos impede de pensar em outros, da urgência distraída que ignora que os outros também têm o direito de ser felizes. Hoje raramente há tempo e energia disponíveis para parar e tratar bem os outros, para dizer 'permissão', 'desculpe', 'obrigado'. Mas de vez em quando acontece o milagre de uma pessoa bondosa, que deixa de lado suas preocupações e urgências para prestar atenção, para dar um sorriso, para dizer uma palavra de encorajamento, para possibilitar um espaço de escuta em meio a tanta indiferença»

Que belo convite para todos nós! Quando tenho um trabalho a fazer rapidamente é 'muito importante', se posso ouvir a minha irmã que me quer explicar o seu problema, o que é importante para ela mas certamente muito menos para mim, se posso fazer do problema dela o meu, isto é, para partilhar a preocupação da minha irmã, ou pelo menos para entendê-la, poderei dizer a



mim mesma que me aproximo do Mistério do Corpo de Cristo, porque saio de mim e dos meus planos, para partilhar o meu tempo, minhas habilidades e acima de tudo meu amor para com minha irmã que se aproxima de mim. Madre Maria de Jesus, fundadora das Clarissas de Camarões e Gabão, dizia: "Não se deve escrever 'urgente' nas cartas, é ridículo, apenas amar é urgente".

O Papa Francisco diz: "Sentar-se para escutar o outro, próprio do encontro humano, é paradigma de atitude acolhedora, de quem supera o narcisismo e acolhe o outro, presta atenção nele, abre espaço para ele em seu próprio círculo. No entanto, "o mundo de hoje é principalmente um mundo surdo [...]. Às vezes a velocidade do mundo moderno, a agitação nos impede de ouvir bem o que o outro está falando. E quando ela está na metade do discurso, nós já a interrompemos e queremos responder enquanto ela ainda não terminou de falar. Não devemos perder a capacidade de ouvir». São Francisco de Assis "ouviu a voz de Deus, ouviu a voz dos pobres, ouviu a voz dos doentes, ouviu a voz da natureza. E tudo isso o transforma em um modo de vida. Espero que a semente de São Francisco cresça em muitos corações" (FT 48).

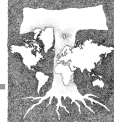
O que significa para mim 'ter um irmão ou irmã'?

Um irmão, uma irmã, é um grande dom que Deus me dá, como diz a Mãe Santa Clara: «as irmãs que o Senhor me deu» (TestC 7). Com efeito, as qualidades, as capacidades que o próprio Deus colocou na minha irmã ou irmão são também para mim e para toda a família. Se temos um irmão ou irmã talentoso, tal como sendo nomeado para um cargo elevado, se realmente amamos



esse irmão ou irmã, ficamos orgulhosos, nos alegramos, sabendo que será bom para toda a família. A Mãe Santa Clara disse a Inês de Praga: «Chegou-me a fama da tua conduta santa e da tua vida irrepreensível. Muito me alegro e exulto no Senhor". (1 CtIn 3-4). Mas quando o ciúme amargo queima o coração, então ouvimos o murmúrio do diabo tentando nos dividir, dizendo-nos que a felicidade ou o sucesso de meu irmão ou irmã me derrubará, me fará ser esquecido ou não amado pelos outros. Eu realmente me alegro quando ouço que tal mosteiro recebe postulantes, progride, etc.? Porque, na realidade, o sucesso, o progresso de uma comunidade de Clarissas é o de toda a nossa Ordem.

A palavra irmão, irmã, é tão importante, tão frequente em nossas vidas, que às vezes tendemos a banalizá-la. Para cada um assume uma cor única, conforme a primeira experiência vivida na família, a primeira comunidade. Para mim, uma irmã, um irmão, não é uma pessoa impecável, perfeita ou sempre amável e gentil comigo, mas uma pessoa com quem estou sempre ligado, não importa o que aconteça. É uma pessoa com quem posso me dar ao luxo de ser eu mesma, sem esconder meus defeitos, pois sei que nossos desentendimentos (que, aliás, não podem faltar em uma família), nunca serão maiores do que aquilo que nos une, a fraternidade. Ele é alguém que me ama do jeito que sou e que sei que sempre me perdoará. Um irmão, uma irmã, é outro eu, é minha própria carne, alguém de quem não posso ter medo. Esse amor incondicional, esse vínculo indestrutível que existe em uma fraternidade, nos torna mais verdadeiros, mais espontâneos e muitas vezes menos delicados com nossos irmãos e irmãs do que com estranhos, sabendo que meu irmão, minha



irmã sempre estará perto de mim, que eu sei como sou e que não tenho nada a provar ou esconder. Este é o amor verdadeiramente livre. Esta experiência vivida em família, esta experiência de fraternidade humana ou carnal, ajuda-nos a compreender algo do amor que Deus quer ver entre todos os seus filhos na terra. É por isso que Jesus nos ensinou a rezar dizendo: "Pai nosso" e "Tendes um só Pai e sois todos irmãos" (Mt 23,8). Além disso, esta palavra retomada pelo Padre São Francisco na sua primeira Regra (Rnb 22,33), inspirou o título desta Encíclica. Jesus, advertindo os seus discípulos contra o desejo de estar acima dos outros ou de colocar alguém acima, faz-nos compreender com estas palavras: "Vós tendes um só Pai e sois todos irmãos", que só Deus está acima dos homens, mas está acima deles porque ama mais e humildemente se põe ao nosso serviço, lavando-nos até os pés. Esta não é uma autoridade que esmaga e é o que Francisco e Clara viveram e quiseram para suas respectivas fraternidades.

Fiquei muito emocionada com a experiência de nossas Irmãs Clarissas de Mbuji-Mayi que, quando uma jovem irmã chega à comunidade, a chamam de 'Yaya', isto é, 'irmã mais velha', significando que na comunidade reunida por Jesus Cristo, seguindo Francisco e Clara, o mais novo não é menos, não está abaixo dos outros, mas é digno de respeito como ancião, porque na África os irmãos e irmãs mais velhos gozam de grande respeito por parte dos mais jovens.

O Papa Francisco nos lembra com força «que Deus criou todos os seres humanos iguais em direitos, deveres e dignidade, e os chamou a viver juntos como irmãos e irmãs» (FT 5).



As coisas mais simples, os fundamentos mais básicos que parecem óbvios, o quanto precisamos lembrá-los, ouvi-los novamente, torná-los nossos no dia a dia! Na minha comunidade, nas nossas relações, nas pessoas que nos procuram, entendo que todos, seja qual for o seu nível social, estado de saúde física ou mental, estado e função, habilidades, idade, beleza, etc., são iguais em direitos, deveres e dignidade? Meu irmão, minha irmã, minha mãe são para mim como Jesus nos lembra? Deixo-os feridos na rua ou reconheço naquele que sofre meu irmão, minha irmã, meu filho, a carne da minha carne, o próprio Cristo?

Eu realmente considero minhas Irmãs Clarissas de outros mosteiros, de outras Federações ou de outros países como minhas irmãs "do mesmo pai e da mesma mãe"?

Na África, as palavras 'irmão' e 'irmã' são usadas no sentido amplo de pessoas com laços de sangue, mesmo distantes, comigo ou com um irmão da mesma paróquia, do mesmo movimento eclesial, ou mesmo um amigo. Para isso, temos uma expressão para designar os irmãos e irmãs mais próximos: irmão ou irmã 'mesmo pai, mesma mãe'.

Eu realmente considero as irmãs da comunidade, da Federação ou da Ordem de Santa Clara como minhas irmãs, 'mesmo pai, mesma mãe', Francisco e Clara como nossos pais comuns, e ainda mais nosso Pai Celestial e Nossa Mãe Igreja? Às vezes, infelizmente, o termo 'irmã', raro na família franciscana, seria mais apropriado, dado o que está acontecendo entre nós. Às vezes, há olhares de desconfiança para as irmãs 'que têm touca' ou não, 'que têm grade' ou não, que são qualificadas como



'fechadas' ou 'liberais'. A Mãe Santa Clara estava 'fechada' porque vivia reclusa?

Eu tive a graça, sendo uma irmã francesa em um mosteiro africano fundado por outro mosteiro africano, de permanecer em vários mosteiros de nossa Ordem durante minhas visitas à Europa, muitas vezes por motivos de saúde e, claro, de ter muitos contatos com irmãs da nossa Federação Solofo Kamuti na África francófona. Fui muito edificada em muitos aspectos e acredito que cada comunidade, como cada irmã, tem seus dons e riquezas que podem ajudar os outros: a vida fraterna, o sentido da partilha, a prática da pobreza, o respeito pelas irmãs de outros países, o modo de celebrar a liturgia das horas, a disponibilização de lugares de adoração ou oração às irmãs, o respeito ao jejum, o abandono à providência, o respeito à clausura, a generosidade no trabalho, a alegria compartilhada nas recreações, o cuidado e a delicadeza para com as irmãs mais velhas, etc... são alguns exemplos concretos de vários aspectos do nosso carisma, vividos de maneira única pelas comunidades das quais pude me aproximar. Creio que podemos nos olhar com mais confiança e amor fraterno, para além das diferentes sensibilidades: "Sede sempre amantes de Deus, de vossas almas e de todas as vossas irmãs e estai atentas às promessas que fizestes ao Senhor" (Bênção de Santa Clara 14-15).

Apreciei muito a partilha e a aproximação de Ir. Maria Hii Lu Keong e Ir. Chiara Alba Mastroilli, dos mosteiros de Bergamo e Lovere (ver CTC nº 55 de maio de 2020), pareceram verdadeiramente inspiradas pelo Espírito Santo e agradeço-vos sinceramente. Peço a Deus a graça de que este processo de união entre todas nós,



através de um vínculo concreto de comunicação e comunhão, dê frutos, porque como podemos nos amar sem nos conhecermos? Eu nem sei em que países do mundo minhas irmãs estão presentes e o que elas vivem... Agradeço também muito às nossas irmãs de Cortona pela revista cTc e aos nossos irmãos do Ofício Pro-Monialibus por seu serviço à Ordem de Santa Clara.

(Continua no próximo número)

Os próximos números

Um centenário no centenário: *Audite Poverelle* (Ouvi Pobrezinhas)

Ao ler estas linhas, terão começado as celebrações do Centenário Franciscano, um jubileu de jubileus, que acontecerá de 2023 a 2026.

Em 1225, juntamente com o Cântico das Criaturas, Francisco escreveu palavras «com melodia, para a consolação e edificação das pobres senhoras, sabendo quanta tribulação sentiam pela sua enfermidade» (cf. EP 90). Elas foram escritas para Clara e para as pobres irmãs de São Damião, mas idealmente para todos aqueles que, seguindo Jesus pobre e crucificado, se reconhecem na sua própria inspiração.

Por isso, decidimos dedicar amplo espaço ao Ouvi pobrezinhas nas próximas edições do nosso Caderno de Comunhão de acordo com esta digitalização:

Nº 61 (Junho de 2023):	Introdução à leitura e experiência relacionada à localização do texto.
---------------------------	------------------------------------------------------------------------------

Nº 62 (Dezembro 2023)	«Ouvi, pobrezinhas, pelo Senhor chamadas, / que de muitas partes e províncias fostes congregadas»
--------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------



Nº 63
(Junho de 2024): «Vivei sempre na verdade, / e perseverai na obediência até a morte»

Nº 64
(Dezembro de 2024): «Não olheis a vida de fora, / porque a do espírito é melhor. / Eu vos rogo com grande amor, / que tenhais discrição nas esmolas / que vos dá o Senhor»

Nº 65
(Junho de 2025): «*As que estão agravadas de enfermidades / e as outras que por elas estão fatigadas / umas e outras suportai-o em paz, / porque vendereis caro essa fadiga. / Porque cada uma será rainha no céu coroada / Com a Virgem Maria*»

Todas vocês já estão convidadas a escrever (até Junho de 2023) as experiências e reflexões sobre o tema do número de Dezembro: o da **vocação** ("pelo Senhor chamadas") e a experiência do **multiculturalismo** na comunidade ("de muitas partes e províncias fostes congregadas"), um tema particularmente atual.

A equipe editorial



- ✓ Os arquivos completos da revista estão disponíveis em:
<https://www.ofm.org/periodici.html>
<https://www.ofm.org/ctc.html>

- ✓ Para contribuir para a revista cTc:
IBAN: IT06 0030 6925 4071 0000 0000 189
BIC: BCITITMM
indicando no motivo do pagamento: cTc,
seguido do nome da cidade onde se encontra o mosteiro.

PRO-MANUSCRIPTO
Monastero S. Chiara - Cortona (AR), Italia